

## Secção 8

**O relógio da vida não anda para trás: gravidez, doenças, idade e o corpo-cronômetro**

Leitung | Coordenação: Dr. Jasmin Wrobel, Dr. Janek Scholz

SALA | RAUM: Haus 1 – SR9 A1004 (Hyb.)

**Mittwoch | quarta-feira – 15/09**

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen   Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause   Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie   Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen   Beberete com canapés

**Donnerstag | quinta-feira – 16/09**

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais		
09:00 – 09:45	Jasmin Wrobel, Janek Scholz	presencial	<b>Introdução à secção</b>
09:45 – 10:30	Marcos Andrade Neves	presencial	<b>O corpo entre temporalidades de vida e morte</b>
10:30 – 11:15	Edward King	online	<b>Racismo algorítmico e temporalidades corporais de ruptura no Brasil</b>
11:15 – 11:45	Kaffeepause   Intervalo para café		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft   Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause   Intervalo para almoço		
14:30 – 15:15	Irenísia Torres de Oliveira	online	<b>As marcas da loucura: observações e reflexões de Lima Barreto sobre a doença mental nas obras Diário do hospício e Cemitério dos Vivos</b>
15:15 – 16:00	Ute Hermanns	presencial	<b>A morte, a velhice e a enfermidade nos textos de Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
19:00	Lesung   Sessão de Leitura		

**Freitag | sexta-feira – 17/09**

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen / Inscrição para participantes presenciais
---------------	--

09:00 – 09:45	Philipp Seidel	presencial	<b>A dissolução dos corpos/da comunidade – Os alegres e irresponsáveis abacaxis americanos de Herbert Daniel</b>
09:45 – 10:30	Joanna Moszczynska	presencial	<b>Males do corpo no romance lusófono do século XXI: <i>A Gorda</i> de Isabela Figueiredo e <i>Por que sou gorda, mamãe?</i> de Cíntia Moscovich</b>
10:30 – 11:15	Janek Scholz	presencial	<b>Como escrever sobre a velhice transviada? A autoficção como estratégia literária imprescindível</b>
11:15 – 13:15	Mittagspause   Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft   Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause   Intervalo		
14:30 – 15:15	Suzana Vasconcelos de Melo, Fabian Daldrup	online	<b>Corpo castrado, nação sem futuro: subjetividades pós-coloniais em <i>Macunaíma</i> de Mário de Andrade e <i>Angústia</i> de Graciliano Ramos</b>
15:15 – 16:00	Douglas Pompeu	presencial	<b>Formas da lírica brasileira contemporânea: entre a autobiografia e o documentário ou o livro de poesia como corpo-cronômetro</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
16:30 – 17:15	Ana Chiara	online	<b>Os velhos em seus casulos</b>
17:15 – 18:00	O painel inteiro	presencial e online	<b>Discussão final</b>
19:00	Freier Abend - Abendessen der Sektionen   Noite livre - Jantar das Secções		

### Samstag | sábado – 18/09

14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
19:00	Konferenzdinner   Jantar de Encerramento		

## Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 8

Ana CHIARA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### Os velhos em seus casulos

A Organização Mundial da Saúde (OMS) pretende incluir a velhice na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). A mudança vai ocorrer na 11ª edição do CID, que deve ser publicada em janeiro de 2022 e se tornar oficial em um prazo de dois anos. A partir dessa alteração discursiva que se contrapõe aos discursos efusivos com relação à velhice como melhor idade, pretendo percorrer alguns estudos de caso na literatura com visões da velhice em prosa autobiográfica de Pedro Nava ou ficcionalizada em Adélia Prado ou Hilda Hilst, que encaram a velhice como um envoltório, ou, como pontua a filósofa Cathérine Malabou em Ontologia do *acidente*: ensaio sobre a plasticidade destrutiva, uma impossibilidade de retorno numa identidade ferida. Constatamos que, embora as narrativas em primeira pessoa sejam problemáticas com relação aos traços biográficos, pode-se constatar uma progressiva narrativa de perdas e danos. Laura Erber aponta para a conversão da escrita em túmulo, que encerra uma "quarta pessoa", vou tentar entender essa escritura como casulo.

Ute HERMANN (Berlim)

### A morte, a velhice e a enfermidade nos textos de Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão

Rubem Fonseca revolucionou o conto brasileiro, Ignácio de Loyola Brandão nele teceu o elemento fantástico e extrapolou as situações do cotidiano para criar um mundo de distopia. Durante a ditadura militar (1964-1985), livros desses dois autores foram apreendidos e interditados por contradizerem a moral e os bons costumes: a antologia de contos *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, em 1975, e o romance *Zero*, de Loyola Brandão, em 1976. Isso não fez os autores se resignarem, mas, ao contrário, fez com que continuassem a escrever, por raiva, e fortalecidos pela vontade de representar anti-heróis e explorados em uma sociedade caracterizada pela violência estrutural do capitalismo selvagem, na *brutalista* maneira do *realismo feroz*. O intuito desta palestra consiste em trabalhar sobre alguns textos que têm uma relação com experiências vividas pelos autores: Fonseca concebe no conto *Onze de Maio* a estadia de um Eu-Narrador num asilo de idosos e desenvolve fantasias com alusões à máquina de matar gente em campos de concentração. Em *Duzentos e Vinte e Cinco Gramas*, ele confronta seus leitores com uma autópsia minuciosamente descrita presenciada por um ex-amante da mulher morta. Com o conto *Onze de Maio*, Fonseca se refere à data do seu nascimento, que é o dia 11 de maio, e com *Duzentos e Vinte e Cinco Gramas* ao seu passado como comissário policial.

Nos seus romances *Zero* e *Não verás pais nenhum*, Ignácio de Loyola Brandão concebeu uma sociedade caracterizada pela miséria e a doença. No seu romance *Veia bailarina*, ele mesmo torna-se protagonista, pois descreve sua vida com um aneurisma no cérebro. O narrador relata a odisseia que precisa percorrer por causa da emergência dessa doença, para procurar ajuda e enfrentar problemas de financiamento do tratamento e sempre se indaga sobre o pró e contra de uma operação do cérebro. A história é narrada junto com a representação das matrizes literárias e artísticas que percorreu durante a sua vida até esse momento.

Os autores que vêm das metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo se debruçam sobre a idade, a enfermidade e a morte na sociedade brasileira, confrontando esses temas com a lógica do capitalismo. Essa relação é brilhantemente formulada pela autora Simone de Beauvoir na sua obra *La Vieillesse*, segundo a qual, em uma sociedade capitalista, a civilização sempre é subordinada à economia, porque o interesse pelo ser humano existe na medida em que ele dá lucro. Depois, não sendo mais produtivo, é jogado fora. Ao mesmo tempo, Beauvoir mostra a dúvida de cada pessoa jovem, que vê na imagem dos homens idosos as possíveis variações de seu próprio futuro. Diante dela, o jovem fica parado, incrédulo, porque uma voz interior lhe sussurra constantemente que tal coisa não acontecerá a ele.

Como os autores Fonseca e Brandão abordam a morte, a enfermidade e a velhice no contexto brasileiro e de que forma isso acontece, será o tema deste trabalho.

Edward KING (University of Bristol)

### **Racismo algorítmico e temporalidades corporais de ruptura no Brasil**

Durante o colapso do regime do Partido Trabalhador (PT) em 2018, as mídias sociais se transformaram num palco para um aumento de racismo. Partidários de Bolsonaro voltaram abertamente à linguagem da escravidão como forma de aumentar as divisões sociais no país (Trindade 2018). Além disso, o aumento surpreendente de smartphones entre as populações da classe trabalhadora na década de 2010 (Spyer 2017) expôs até as populações mais marginalizadas a táticas de coleta de dados que servem para consolidar as desigualdades sociais baseadas em raça. No entanto, embora as mídias sociais e os sistemas de inteligência artificial que as impulsionam tenham normalizado o racismo, também se tornaram uma plataforma de resistência. Após o assassinato da política negra Marielle Franco em 2018, o movimento negro no Brasil adotou as táticas de mídia social do movimento Black Lives Matter. Sites como o Instagram viraram fóruns nas quais artistas e ativistas estão desafiando o racismo arraigado no país. Enquanto as populações negras no Brasil há muito são vítimas de sistemas tecnológicos, desde o equipamento fotográfico que possibilitou os movimentos eugênicos (Stepan 1991) ao uso de software de mapeamento do crime nas favelas do Rio (Muggah 2020), esses artistas estão articulando novas conexões entre a negritude e as tecnologias digitais.

Esta apresentação vai abordar o uso da estética Afrofuturista no Brasil para produzir o que Ruha Benjamin (2019) descreve como 'contracodificações subversivas' das práticas dominantes de racialização nas culturas digitais contemporâneas. Artistas que trabalham em vários meios de comunicação têm adaptado uma estética de ficção científica desenvolvida nos EUA nos anos 1960 e 1970 por músicos como Sun Ra e George Clinton para desafiar o que Tarcízio Silva descreve como 'racismo algorítmico'. Kodwo Eshun (2003) argumenta que o Afrofuturismo é um 'ato cronopolítico' que rompe a temporalidade linear da modernidade e a conexão entre futuridade e branquidão. Por meio de uma análise da obra da artista multimídia Vitória Cribb, vou argumentar que os corpos ciborgues negros que ela apresenta no Instagram são ferramentas para a construção de temporalidades afrofuturistas de ruptura. Essas temporalidades contestam a capacidade de prever o futuro dos algoritmos de mídia social.

Suzana Vasconcelos de MELO e Fabian DALDRUP (Universität Tübingen)

### **Corpo castrado, nação sem futuro: subjetividades pós-coloniais em *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade e *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos**

*Angústia* e *Macunaíma* se inscrevem no rol de obras modernistas que problematizam a condição das subjetividades pós-coloniais, apontando ambas para uma construção da identidade pela negatividade. Existe na literatura modernista um evidenciado diálogo com a psicanálise, que funciona como um pré-texto, juntamente com as ficções fundacionais, para as leituras alegóricas que estas narrativas podem oferecer da identidade nacional. Nessas obras é central o papel do corpo como significante no qual se inscreve a relação entre espaço e temporalidades encenadas à revelia da teleologia judaico-cristã. Em *Macunaíma*, a questão fundamental, nesse sentido, é a projeção da nacionalidade no corpo do protagonista polimórfico. Esta corporalidade não está subjugada à norma do tempo biológico, sendo regida pela circularidade mítica, o que permite a morte e o renascimento contínuo, rompendo com um imaginário geracional, já que a reprodução do corpo e assim a ideia de continuidade fica impossibilitada. Em *Angústia*, por sua vez, se verifica uma escrita pulsional regida pela temporalidade da neurose, que reflete o entrelaçamento dos tempos sob o signo da pós-colonialidade. O dilaceramento do sujeito androcêntrico que reencena neuroticamente seu descentramento e automutilação rompe com a própria metafísica do sujeito como corpo/alma. Em ambas as obras há gravidezes, mas a prole não vive para o futuro, do mesmo modo, tanto o nomadismo de *Macunaíma*, quanto a patologização de Luís da Silva resultam num complexo condicionamento da existência do sujeito à autodestruição.

Joanna M. MOSZCZYNSKA (Universität Regensburg)

### **Males do corpo no romance lusófono do século XXI: *A Gordá* (2016), de Isabela Figueiredo, e *Por que sou gorda, mamãe?* (2006), de Cíntia Moscovich**

Nesta intervenção proponho uma abordagem comparativa de dois romances lusófonos *A Gordá* (2016) de Isabela Figueiredo e *Por que sou gorda, mamãe?* (2006) de Cíntia Moscovich. A base da

comparação constitui a representação do corpo feminino obeso e das relações familiares intergeracionais. Em primeiro lugar, demonstrarei como nos dois romances a obesidade é o estigma que administra a economia afetiva (cf. Ahmed 2004) do gênero e no caso de Moscovich, também da etnicidade. Em segundo lugar, tratarei da representação de relações matrilineares entre mulheres. Estas relações encontram-se profundamente marcadas pela degeneração do corpo feminino, mais especificamente do corpo da mãe, sendo narrado-mediado pela filha. Em terceiro lugar, destacarei as funções afetivas do fundo histórico. As narrativas operam com referências, que variam quanto a sua extensão e objetividade, aos alguns eventos históricos coletivamente traumáticos, como a descolonização de Moçambique, o Holocausto e a desastre de Chernobyl. É, neste contexto, interessante observar como as narradoras relacionam-se e as suas vidas cotidianas, suas catástrofes diárias, com os respetivos eventos históricos. Finalmente tratarei também do aspeto formal dos dois romances que se podem classificar como autoficções não nominais e com isso inscrevem-se na tendência atual de autoficcionalização na literatura brasileira.

Marcos Andrade NEVES (Freie Universität Berlin)

### **O corpo entre temporalidades de vida e morte**

Em 2016, Margot escreveu uma carta para a organização LifeCircle, localizada na Suíça, na qual expressava preocupação com suas crescentes limitações cotidianas. Segundo ela, já não poderia mais praticar esportes nem caminhar por muito tempo em decorrência de sua artrose; suas idas a museus e teatros eram desafiadas pela incontinência. Com o passar do tempo, seu corpo impunha novas limitações no seu dia-a-dia, prevenindo-a de praticar suas atividades preferidas. “Eu sei que essa situação não vai melhorar, e sim só piorar”, Margot escreveu em sua carta. De forma similar, João escreveu em sua carta para a mesma organização: “Eu sei que vou progressivamente perder o controle das minhas funções corporais, e com elas a minha capacidade de interagir com o mundo exterior”. Assim como Margot e João, centenas de outras cartas similares são enviadas anualmente à organização LifeCircle, que oferece auxílio profissional ao suicídio. Em tais cartas, o corpo ocupa uma posição central, seja em relação a doenças ou limitações associadas ao envelhecimento. O corpo, no entanto, não é estável, ou simplesmente biológico. Ele cristaliza subjetividades e temporalidades, tornando-se um prisma através do qual podemos compreender mudanças históricas e relações de poder. Nesse sentido, o corpo torna-se um palco de disputas no qual percepções do tempo, subjetividades políticas e desejos individuais e sociais são articulados, contrapostos e negociados. Mas como pensar o corpo que, em decorrência dessa interação entre subjetividades, desejos e temporalidades, escolhe morrer uma morte específica? Conforme escreveu João em sua carta: “A grande questão aqui é, em qual ponto do meu processo de incapacitação eu vou sentir que a vida não vale mais a pena ser vivida?”. Com base em uma pesquisa etnográfica multi-situada realizada entre 2014 e 2017 no Brasil, Suíça, Reino Unido e Alemanha, a presente fala explora, por meio da instabilidade do corpo e noções de corporificação, os processos disparados quando determinadas circunstâncias pessoais acabam por substituir o desejo de viver por uma vontade de morrer uma morte específica.

Irenísia Torres de OLIVEIRA (Universidade Federal do Ceará)

### **As marcas da loucura: observações e reflexões de Lima Barreto sobre a doença mental nas obras *Diário do hospício* e *Cemitério dos Vivos***

O *Diário do hospício* foi escrito por Lima Barreto por ocasião de sua segunda internação no Hospital Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920. O *Cemitério dos vivos* é a busca de ficcionalização dessa experiência, um romance que fica incompleto. O autor morre em 1922 e os dois textos só seriam publicados postumamente, em 1953.

Além dessas duas obras, há representações de loucos e reflexões sobre a loucura em outras obras de Lima Barreto, como no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911) e no conto “Como o ‘homem’ chegou” (1914). A convivência com a doença mental fez parte da vida do autor desde criança. O pai de Lima Barreto foi nomeado em 1890 para trabalhar na administração das colônias de alienados na Ilha do Governador, onde a família passaria a viver. Em 1903, o pai de Lima Barreto mesmo passou a sofrer de distúrbios mentais e, em 1914, deu-se a primeira internação de Lima Barreto no Hospício Nacional de Alienados em decorrência de delírios provocados pelo alcoolismo.

Para Lima Barreto, a loucura era sobretudo o mistério, o país desconhecido, para usar a expressão com que Shakespeare denominou a morte na tragédia de Hamlet. O escritor também considerava falhas as tentativas de encontrar causas, padrões ou regularidades na loucura. Para ele, a loucura era um fenômeno individualizado, que trancava o indivíduo num mundo sem comunicação com os outros. Na loucura, o que deixava de existir era justamente a possibilidade de se encontrar termos comuns de relacionamento e entendimento.

Neste trabalho, a partir da experiência retratada pelo autor, examinaremos inicialmente as relações dos vários sujeitos com o corpo e a subjetividade dos doentes mentais, nesse ambiente da institucionalidade do hospício. O ponto de vista do autor é o de um estranho no ninho: está entre os loucos com a lucidez intacta e não tem o olhar acostumado de quem trabalha no hospício. O estranhamento com esse mundo, entretanto, não é desinteressado, porque Lima Barreto sabe que é possível perder a razão, como acontecera a seu pai, em definitivo, e a ele em dois episódios. Nesse sentido, realmente é uma visão muito especial, captando com distanciamento, mas também com profundo interesse subjetivo e, às vezes, com a melancolia da consciência da decrepitude, as situações e relações que presencia.

Em segundo lugar, mostraremos como Lima Barreto procura retratar os doentes mentais na sua individualidade irredutível, em contraste com os métodos massificadores do tratamento. Veremos que o autor se choca com a impossibilidade de comunicação que esses modos de ser impõem. Para um autor que entendia a arte e a literatura como formas superiores de comunicação entre os seres humanos, de construção de uma humanidade comum e solidária, o encontro com subjetividades refratárias aos tipos de sentimento ou razão partilhados deixava Lima Barreto sempre perplexo. Era o mistério. E diante desse mistério, ele anotava, escrevia, pensava, ficcionalizava.

As discussões feitas levarão em conta que tanto a experiência da doença mental, quanto as relações que a envolvem, estão repassadas de historicidade e se expressam a partir dos marcos e compreensões de seu tempo e lugar. Assim, procuraremos situar tanto as experiências como as visões trazidas por Lima Barreto na realidade histórica das doenças mentais, assim como dos debates e políticas a ela direcionados, na Primeira República brasileira.

Douglas POMPEU (Staatsbibliothek zu Berlin/Freie Universität Berlin)

### **Formas da lírica brasileira contemporânea: entre a autobiografia e o documentário ou o livro de poesia como corpo-cronômetro**

Se é possível dizer que a lírica brasileira ganha a partir dos anos 2000 nova força e novos contornos, essa força seria a sua profusão e os seus contornos sua diversidade. Uma das marcas desta profusão talvez seja a revista de poesia *Inimigo Rumor* fundada em 1997 por um grupo de poetas engajados na promoção e publicação de poesia contemporânea tanto brasileira quanto internacional, e mais recentemente, a quantidade expressiva de editoras independentes que se dedicam à publicação de poesia. Seguindo esta hipótese, talvez seja possível dizer ainda que da profusão e da diversidade tenha amadurecido um novo conceito de livro de poesia ou mesmo de obra lírica que une alguns autores e autoras na exploração de novas formas de expressão através de uma escrita híbrida entre o documentário, a autobiografia e em alguns casos a anotação e a fotografia.

Com o intuito de verificar a validade deste conceito para uma crítica futura assim como os caminhos e modos de exploração da lírica brasileira, gostaria de contribuir nesta sessão com a discussão de formas de lembrar e registrar o tempo do corpo, dos sentidos e do poema no trabalho de três poetas expoentes de duas gerações da poesia contemporânea no Brasil: Carlito Azevedo (1961), Marília Garcia (1979) e Ana Martins Marques (1974).

Com *Monodrama* (2009) Carlito Azevedo incorpora uma forma de escrita lírica pouco frequente na poesia brasileira. O poema, tradicionalmente pensado para a página, atravessa todo o livro organicamente, não há apenas um eu-lírico, mas um coletivo-lírico que cede espaço à voz alheia assim como à apropriação e à colagem. *Testes de Resistores* (2014) de Marília Garcia radicaliza esta poética numa espécie de autobiografia da própria escrita, através da qual a dimensão metalinguística do poema se entrelaça com a tomada de posição do poeta no mundo e com a história de si. Desdobramentos quase etnográficos destes projetos se apresentam também em seu próximo livro *Parque das Ruínas* (2018) e em certa medida em *Livro das Semelhanças* (2015) de Ana Martins Marques. Aparentemente ainda fiel à uma ideia tradicional de livro, Marques explora nesta publicação os limites poéticos do objeto livro assim como de suas cartografias textuais e pessoais através de poemas que tematizam a

escrita de um livro. Ao trazer para dentro e para a forma do poema o suporte de sua apresentação ao leitor, estariam estes três poetas tão distintos entre si repensando o livro de poesia como um corpo-crômetro da escrita?

Janek SCHOLZ (Universität zu Köln)

### **Como escrever sobre a velhice transviada? A autoficção como estratégia literária imprescindível**

Nos últimos anos, foram publicados vários livros no Brasil nos quais pessoas trans\* falam de suas vidas e de suas experiências. Na maioria dos casos se trata de textos autoficcionais ou de depoimentos individuais, escritos em um estilo de reportagem e reunidos em coleções e antologias. Os livros deste tipo desafiam a crítica literária, porque não podem ser classificados facilmente, uma vez que alteram entre ficção, reportagem e não-ficção. Neste sentido, a forma e o conteúdo dialogam particularmente bem, tendo em vista que as identidades trans\* muitas vezes também se opõem a uma classificação rígida e desafiam a sociedade a repensar categorias e atribuições supostamente naturais. O texto *Velhice transviada* de João W. Nery servirá de exemplo para ilustrar este processo. A primeira parte é caracterizada por lembranças pessoais e reflexões da velhice, a segunda parte, porém, apresenta diversos relatórios de outras pessoas trans\* que o autor havia recolhido para poder escrever o livro.

Os relatórios na publicação de João W. Nery mostram que em uma sociedade moderna do turbo-capitalismo questões como doenças e a velhice são frequentemente omitidas e que a comunidade social falha em proteger as pessoas mais vulneráveis. Sob este ponto de vista, a escolha do tipo textual assume uma relevância central: Por um lado, a escolha da autoficção ou da reportagem oferece a possibilidade de confrontar o público de forma direta e imediata com uma realidade muito dolorosa. Por outro lado, os leitores sempre têm a opção de classificar passagens particularmente desagradáveis e cruéis como puramente fictícias. Esta ambiguidade do tipo textual permite aos autores conquistar um público mais amplo para temas considerados socialmente marginais ou mesmo abjetos. Isto vale para textos sobre velhice transviada em particular, mas também para todos os textos que tratam do envelhecimento em geral.

Philipp SEIDEL (Freie Universität Berlin)

### **A dissolução dos corpos/da comunidade – *Os alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* de Herbert Daniel**

Como quase todos nós estamos vendo e vivendo atualmente, uma pandemia é, além de ser uma doença, sobretudo um evento discursivo: A soberania de interpretação não recai automaticamente sobre aqueles que têm mais conhecimento, nem sobre aqueles que lidam diariamente com situações similares por razões profissionais, e certamente não sobre aqueles que padecem da doença. É uma questão de poder e influência – políticos, econômicos, midiáticos e sociais. As reações são sempre as mesmas no início: Não, não nos alcançará, não nos afetará, é coisa do(s) outro(s) – seja esse ‘outro’ um povo, um país ou até um continente – muito distante, é claro. Depois, aproximando-se a ameaça, ‘os outros’ devirão os que não são a maioria, aqueles pobres, velhos, fracos, doentes etc. No final, as vozes se misturam, alguns não acham que a doença é tão grave, outros a levam muito (demais?) a sério, e depois há aqueles que a negam e pior.

O que estamos presenciando atualmente pode ser comparado, em certa medida, com o que aconteceu quando a epidemia de AIDS surgiu, só que foi ainda pior para as pessoas afetadas na época, primeiro porque levou à morte, segundo porque a ciência não sabia o que hoje sim sabe e terceiro porque parecia ser uma doença que afetava apenas pessoas já marginalizadas pelas quais ninguém se interessa – homossexuais, toxicodependentes, prostitutas e assim por diante. Uma das primeiras pessoas que levantou a voz para chamar a atenção para os problemas relacionados à pandemia no Brasil foi Herbert Daniel, autor, ativista, intelectual e político que publicou seu romance *Os alegres e irresponsáveis abacaxis americanos* em 1987. No livro está descrito o impacto que teve ‘o câncer gay’ numa comunidade típica brasileira dos anos 80: rumores, acusações, falsas informações e a estigmatização, mas também os amores, as paixões e amizades. Essa doença, que no início afeta apenas o indivíduo, atinge a comunidade, primeiro a comunidade ‘gay’, depois a sociedade em geral, ambos se dissolvendo tal como o corpo soropositivo faz no final trágico.

Esta proposta quer, portanto, analisar, desde uma perspectiva *queer*, o romance de Herbert Daniel que narra – nas múltiplas vozes tanto sérias como irônicas – os destinos das numerosas figuras que compõem a trama. Com a sua estética neo-barroca, o autor consegue não só concentrar a atenção no destino trágico resultante da doença, mas também destacar as consequências sociais de uma pandemia discursivamente moldada.